

Stadium

N.º 144 ★ 5 DE SETEMBRO DE 1945 ★ PREÇO 1\$50



NO II LISBOA-SANTAREM-LISBOA

De regresso a Lisboa, o pelotão segue a caminho do Certaxo. João Lourenço, vencedor da prova, pedala sorridente no meio do pelotão.

O PORTUGAL-SUIÇA e os outros jogos efectuados

revelaram a boa categoria dos jogadores lusitanos, que podem considerar-se dos melhores da Europa

Comentários de JORGE MONTEIRO

COMPREENDE-SE perfeitamente que a vinda a Portugal de uma equipa estrangeira de «hockey» em pelins, com o renome de dos suíços do Montreux H. C., interesse o público, de modo geral. É que em se tratando de «team» — embora não conhecido ainda, mas euroclado de grande fama — seja de que modalidade for, o espectáculo desportivo constitui acontecimento de importância. Eis o que aconteceu com os helvéticos. Só perderam o seu tempo todos aqueles que os não viram — principalmente no desafio de apresentação: VIII Portugal-Suíça. Mas no encontro seguinte, em Cascais, os visitantes, trabalhando em «rink» mais amplo e de melhor piso que o do Estádio Maier, puderam já dar — apesar de perderem, também, por cinco «goals» sem resposta — medida mais exacta do seu real valor, pois adaptaram-se com certa facilidade ao «rink» e exibiram-se melhor em conjunto; contudo, a carência de avançados — rematadores impediu-lhes de marcarem, ao menos, um tento só...

Jogando em representação somente do seu clube, contra quatro formações de clubes portugueses, os nossos hóspedes, que cultivam o desporto amador no mais puro sentido, aumentaram de rendimento e souberam tornar interessantes as partidas que disputaram, de novo, no Estádio Maier e em Sintra — pois fellam-nos elementos de apreciação dos desafios de Paço de Arcos e de Santo Amaro de Oeiras, o último a efectuar hoje.

Esta visita dos helvéticos serviu como excelente demonstração de propagação do jogo de «hockey» em pelins e constituiu, ao mesmo tempo, incitamento para trabalhos de futuro no género. Louve-se, por consequência, a iniciativa da Federação Portuguesa de Patinagem e o auxílio precioso a ele dado pela Associação de Patinagem do Sul e por quantos clubes participarem de interesse, dispendioso e arriscada organização, e melhor até agora promovida no que respeita ao «hockey» português.

JA tóda a Imprensa diária se referiu aos jogos dos suíços. Repetir o que se tem dito — e muito foi — seria ocioso; apenas interessa a uma revista como a nossa focar pormenores de caracter técnico, baseando a crítica naquilo que se viu de mais curioso e mereça, realmente, apontamento. Registe-se, porém, antes de mais nada, a correcção de portugueses e helvéticos, símbolo de um desporto que, praticado assim, só pode conquistar simpatias e ganhar adeptos. Bem hajam todos: jogadores nacionais e estrangeiros, directores de partida e público em geral, que mais uma vez demonstrou consideração e estima por visitantes. Claro que a modalidade, com todos estes predicados, deu um grande passo em frente, importando não desperdiçar agora a oportunidade — a bem do desporto e do «hockey» em especial.

Comecemos pela análise, quanto possível sucinta, do desafio internacional. Com um triunfo tão rotundo como foi aquê do Estádio Mayer — que mais seria preciso para não regatear encômios aos representantes de Portugal? Na verdade, a exibição dos nossos jogadores foi boa, muitíssimo boa, de todos — e até primorosa de alguns. É difícil, famos a escrever «impossível», repetir um jogo assim — de tão forte expressão de conjunto — porque a equipa nacional deve ter realizado um dos seus melhores trabalhos e, seguramente, o mais positivo feito em Portugal. Não houve uma só pessoa, de resto, que estivesse no Estádio Maier e não vibrasse de entusiasmo com o jogo dos portugueses; no final, vimos lágrimas de alegria em vários rostos, demonstração concludente da sa-

tisfação produzida pela magnífica vitória dos lusitanos.

Os suíços perderam — e qualquer equipa, talvez excluindo a da Inglaterra, perderia naquelas circunstâncias — porque tiveram pela frente adversários batalhadores, que nunca lhes deram tréguas e se impuseram, a partir da altura em que aos visitantes faltou o «fundo» necessário. Residiu neste pormenor, aparentemente simples, a causa principal da derrota dos suíços. Têm uma boa equipa, não há dúvida, mas vincadamente heterogénea — pois se a defesa cumpre, até muitíssimo bem, o ataque mostrou-se falho de iniciativas e pouco poderoso no remate. A principio ainda as coisas pareciam concertar-se (e as «stickadas» dos helvéticos ás balizas de Cipriano eram autênticas «brasas» — perdoem o termo), mas logo que os portugueses se organizaram, passado curto período de indecisões, então viu-se claramente que só um «team» podia ganhar: o de Portugal! Por que resultado? Isso seria, simplesmente, produto do maior ou menor número de oportunidades aproveitadas...

No primeiro tempo fizeram dois «goals», de Sidónio, com uma classificação de estupendo que a mor parte da Imprensa não lhe regateou, e de Jesus Correia, com seu quê de surpresa; mas podiam ter-se marcado mais — Sidónio viu dois remates embaterem na baliza; Bernardino apontou um «penalty»... contra a mesma; e Correia, no derradeiro segundo, não teve sorte em lance de boa colocação mas de infeliz execução — se os helvéticos não tivessem por si a chamada «sorte do jogo».

Para a segunda parte só é possível arranjar-se uma classificação: magnífica por banda dos lu-

sitanos, cuja acção de conjunto foi do melhor a que temos assistido; e, individualmente, todos merecem citar-se, com especialidade para Jesus Correia, jogador de «hockey» de recursos extraordinários. Na realidade, o elemento do Paço de Arcos superou quanto seria de esperar das suas faculdades, que são muitas, avançando-se mesmo a Sidónio, que até o intervalo se impôs como o melhor jogador no «rink».

Mas todos, até os estreados, deram cumprimento pleno aos anseios de compatriotas e amigos — à parte do portuense Soares, infelicíssimo no minuto e meio que esteve no recinto (e para quê — se com o andamento vivíssimo dos colegas não podia, de modo nenhum, adaptar-se às circunstâncias?) para consentir, em lance de fatalidade, o ponto de honra dos suíços, já depois de marcados, de maneira impecável, os quatro «goals» de Jesus Correia — os quais ficam como «record» em desafio internacional.

Que dizer dos suíços? Não resta dúvida de que constituem uma boa equipa — mas a precisar de «remendos», sobretudo ao ataque. Crosa — repararam na posição, sempre nos bicos dos pés, e muito «colado» à baliza? — é, com Martinetti e Gervaz, o sus-

tentáculo do «team»; quanto aos avançados, que nos disseram ser estreados (que os portugueses também tiveram), são pouco afoitos no remate e demonstraram demasiada «fragilidade», à parte Monney, no embate com o adversário. Em síntese: gostámos francamente da defesa (Crosa com o péssimo defeito de não sair a interceptar o jogo) e do médio.

O mesmo não podemos dizer já dos dianteiros. De resto, à equipa faltou «fundo», que é um elemento imprescindível a qualquer «team», pois nesse particular foram completamente derrotados pelos lusitanos. Dai, em nosso convencimento, a causa principal da derrota.

Arbitragem de Martins Correia a condizer com o jogo: excelente.

O desafio imediato disputou-se em Cascais, no dia seguinte ao Portugal-Suíça, 42.º encontro do «team» nacional português, e foi quasi uma repetição da partida efectuada na véspera, no Estádio Maier, pois apenas substituíram o árbitro e um jogador por cada equipa... Era o 1.º Lisboa-Montreux e o resultado assemelha-se ao do jogo internacional da noite de 28 de Agosto: os portugueses (com a substituição de Soares, do Porto, por A. Henriques, de Santo Amaro de Oeiras) ganharam pelos mesmos cinco «goals» de margem... mas desta feita sem que os suíços (Zanatta na vez de Millesen) marcassem.

Se a vitória do «team» de Portugal, por 6-1, constituiu indicação segura da superioridade manifestada pelos nossos representantes, em relação aos internacionais helvéticos, o resultado

(Continua na página 14)

TELE (gramas JOCER
Escritório, 8
fones: Residência, 45

João Alves Cerqueira

Comércio de sal e figo
Exportação de toros

Largo 5 de Outubro, n.º 7 — VIANA DO CASTELO



NO MUNDO DA BOLA



PELO "Jornalista DESCONHECIDO"

Há resposta para tudo...

PONTO DE VISTA

V. JULGA

que sabe muito de futebol?
Responda-se é capaz...

A REMODELAÇÃO DOS CAMPEONATOS

DIZIAMOS no nosso último número, depois de apontar várias razões: *parece-nos de boa prudência não se tomarem quaisquer medidas, tão a distância, como aquelas que se anunciam para a época de 1946-47.*

Logo, ao dobrar de uma esquina, topámos com um dirigente, um pouco fora dos clubes, que claramente nos expôs os seus pontos de vista.

— Sempre gostávamos de saber quem é esse *Jornalista Desconhecido*. Cheira-me a pessoa conhecida. Tenho pena de não ter a certeza, senão...

— Não se arrependa, conclua. Senão o quê?
— Procurá-lo-ia para lhe dizer meia dúzia de verdades.
— Ou que julga serem verdades. Cada um está convencido que tem o mundo na sua mão, e que lhe tocou a graça divina!
— Mas eu sempre me interessei por estes assuntos. E tenho a autoridade que me advém de estar, praticamente, em contacto com o futebol português.

— Não o nego. Se eu conhecesse o tal *Jornalista Desconhecido* iria procurá-lo a correr. Que lhe havia de dizer?

— Que, antes de falar ou escrever, ele deve atentar no que diz ou escreve.

— Mas...
— E' favor não me interromper. Como é que há um jornalista ou técnico em Portugal capaz de defender o seguinte: dois torneios similares, um a seguir ao outro (caso dos campeonatos regionais e do campeonato nacional); e um campeonato nacional que não abrange o País, na sua extensão devida, conservando na porta de entrada Clubes Poderosos que não deixam entrar mais ninguém...

— Perdão! — atalhámos. Mas tudo tem um limite. Opõe-se ao argumento dos *torneios similares*, que considero importante, o seguinte: Lisboa faz disputar uma competição que rende mil contos. Por outro lado, o alargamento do Nacional para catorze clubes transformar-se-á num desastre: falta de capacidade desportiva do País.

— Homem! Não me irrita, pelo amor de Deus, — responde-me o nosso amigo. A existência dos campeonatos regionais não se justifica. O torneio rende dinheiro... Pois que ganhem um pouco menos os Grandes Clubes, em favor do interesse geral. Quanto ao alargamento para catorze, não o condenem antecipadamente. Deixem fazer a experiência.

— Então, está convencido...
— Plenamente convencido de que o futebol português lucrará. Dar-se-á isto: os Clubes Grandes manterem a mesma bitola de jogo ou baixarem um pouco; e vários clubes da província ascenderem ao nível dos bons da capital.

— Se assim é...
— Ah, V. duvida?! Mas que diabo: deixem fazer a experiência. Eu não sou director da Federação, mas, se o fôsse, fá-la-ia sem hesitar, visto, ao que parece, esse Organismo estar em condições financeiras que permitem a tentativa.

... Ora, o *Jornalista Desconhecido* era eu próprio. E logo ali, nesse encontro casual, ao dobrar da esquina, tomei a deliberação de expor um ponto de vista que, como os nossos próprios, merece meditação. Dito e feito.

Sporting, Benfica ou Belenenses? (De José Francisco Marques Pinto, da Povoá de Varzim).

R. 128 — Sem dúvida. Tenha confiança no treinador Szabo.

R. 129 — Utopias! Não acredite.

R. 140 — Talvez. Todos os jogadores bons fazem falta — e nenhum faz falta...

R. 141 — Jesus Correia.

R. 142 — A época vai responder. Talvez o Sporting.

"Flecha" a melhor bicicleta

ANEDOTA

Dois lindos países!

O caso ocorreu em Basileia. Num passeio fronteiriço àquêle em que estavam os jogadores portugueses passam duas jovens raparigas, airozas e belas, que, intencional ou ocasionalmente, olham para o grupo de portugueses.

Cabrita exulta. Vou falar-lhes...
— Como — dizem os companheiros — se não falas francês?

O jogador algarvio não desiste. lam ver. E, durante uma hora, passava, entretido, com as belas cachopas suíças.

Mais tarde, perguntaram-lhe:
— Que te disseram elas?
— Que a Suíça era um lindo

ESTOU profundamente impressionado. Centenas, para não dizer milhares, de pessoas responderam às perguntas formuladas no nosso último número, e em menos de um quarto de hora — segundo suas próprias declarações, que seria feio pôr em cheque.

Eu vivia absolutamente convencido que os adeptos que encontrava na rua, no café e em toda a parte — não sabiam tanto como afirmavam, ou sabiam muito menos. Agora, tenho de me render à evidência. Nem um falhou. Todos deram as seguintes respostas:

1.º — A camisola do Sporting antes da que é hoje adoptada era nos quadrados verde-brancos, com um leão no coração.
2.º — Biri, o treinador do Benfica, é húngaro.
3.º — O Sporting venceu os 3 campeonatos da temporada na época de 1940-41.
4.º — Cândido de Oliveira alinhava, normalmente, a médio-esquerdo.
5.º — Jorge Vieira, segundo a sua ficha de jogador, tinha 1 metro e 73.

Tenho verdadeiro interesse em saber se se confirma a ciência e perspicácia dos leitores que mantêm contacto com esta secção, a qual, modesta à parte, tem despertado a mais viva curiosidade. Por isso, eis mais cinco perguntas, qual delas a mais «rebatativa». Concentre-se, caro leitor: e lembre-se que tem apenas um quarto de hora para achar a solução, se porventura quiser merecer a nossa estima...

1.º — Quais foram os «teams» portugueses que se deslocaram ao Brasil?

2.º — António Faustino, um dirigente notável da A. F. L., já falecido, a que clube pertencia?

3.º — Artur de Sousa (Pingo) de que terra é natural?

4.º — O «team» de Portugal já venceu a Espanha?

5.º — Quantos campos de reiva há em Portugal?

Coisas da bola...

Há questões na Bola muito curiosas. Verifica-se, por exemplo, que faltam três domingos para que a Organização dos torneios (Regional, Nacional e Taça) se desenvolva com regularidade; e, por outro lado, desperdiça-se quasi todo o mês de Setembro. Então não é pitoresco, isto?

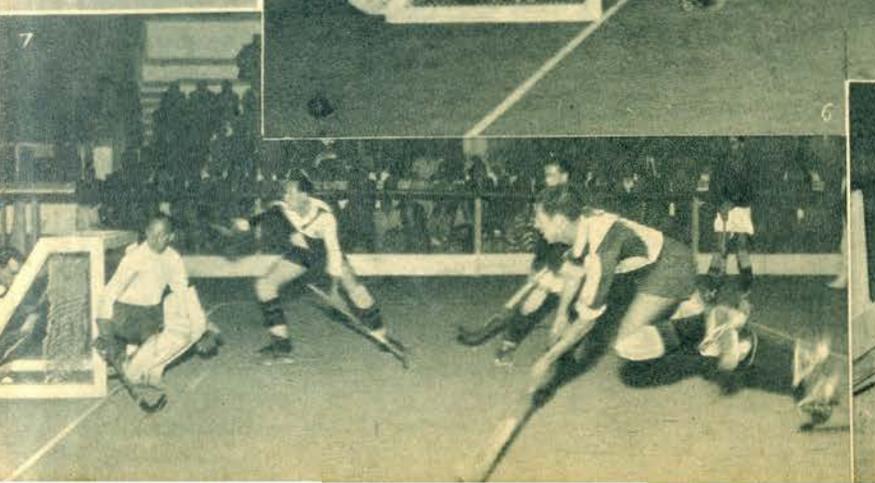
país... Mas eu logo acrescentei:
— Concorde. Mas Portugal também é um lindo país.
— Em que língua?
— Sei lá...
O certo é que se entenderam!

PORTUGUESES e SUÍÇOS "hockey" em patins

defrontaram-se em



1 — A equipa nacional vencedora da selecção suíça;
2 — O sr. capitão Santos Romão, presidente da F.P.P., entrega ao capitão da equipa suíça uma recordação do encontro; 3, 4 e 5 — Fases do VIII Portugal-Suíça, captadas durante o período de maior assédio às rédes helvéticas; 6, 7 e 8 — Fases do jogo Lisboa-Montreux, no rink de Cascais. A segunda destas fotografias foca um dos pontos marcados por Jesus Correia.



No IX Concurso Hípico de CASCAIS

Correia Barrento ganhou o "Grande Prémio" e Helder Martins ataca "Embaixador de Inglaterra"



Condessa de Schouvaloff, vencedora da Prova de Amazonas

CONTINUARAM na última semana e terminaram na segunda-feira as provas do IX Concurso Hípico de Cascais. Já no nosso último número fizemos referência às duas primeiras jornadas. Vamos agora dar breve nota das restantes, que terá de ser sucinta, dada a vastidão do programa.

No terceiro dia da competição disputou-se a prova «Câmara Municipal de Cascais», dividida em duas séries; a primeira para cavalos que não tivessem ainda ganho quinhentos escudos de prémio em provas de obstáculos e a segunda para todos os outros.

José Beltrão, no «Squalus», um cavalo que começa a afirmar o seu valor, ganhou a primeira série, com um bonito e rápido percurso, seguido de perto de Trigo de Sousa, na «Evelyne», Fernando Pais, no «Abandonado», e Guilherme Ivens Ferraz, no «Tobruk», que completaram a prova com brilho e se fizeram aplaudir. A segunda série deu ao «Raso» mais um belo triunfo. O cavalo está em magnífica forma e Correia Barrento, conhecendo-o bem, sabe aproveitá-lo às suas excelentes qualidades. Bom galope, saltos sem esforço, de largo em largo, viragens rápidas, tudo isto o «Raso» está fazendo com regularidade. O tempo que conseguiu (1 m. 2 s. 3/5), deu tranquilidade ao seu

cavaleiro porque não seria facilmente batido. A «Benguela», muito bem conduzida por Fernando Pais, e o velho «Nami», montado por Pascoal Rodrigues como nos seus tempos áureos, foram os que mais se aproximaram.

A quarta jornada compreendia a clássica prova «Nacionais» e o sempre apreciado «Percurso de Caça». Para a primeira havia dois ou três favoritos, mas o triunfo pertenceu ao alferes Milho Ferro, com o «Quere hoje», que alcançou a sua segunda vitória da época com um percurso francamente bom.

Na «Caça», corrida em percurso livre, os «ases» não conseguiram impedir que Duarte Silva obtivesse um vistoso triunfo, no «Abarcados», em 1 m. e 1 s. seguido de «Abismoso», montado por Vasconcelos Porto. Dos cavalos já consagrados apareceram na classificação, nos lugares imediatos, «Optus», com Helder Martins, «Beduíno», com Sampaio Nobre, e «Raso», com C. Barrento.

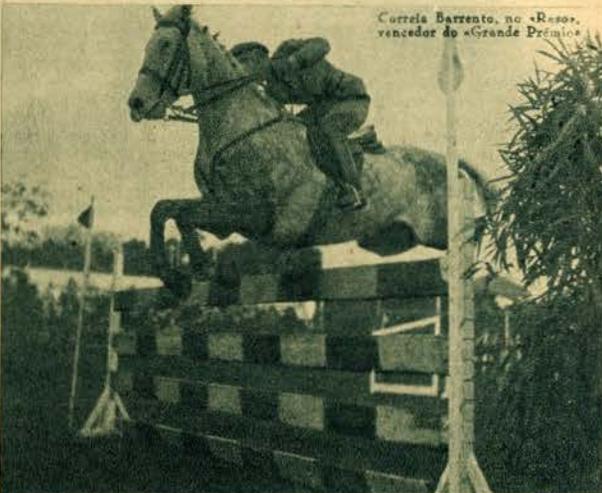
No sábado teve lugar o «Grande Prémio», prova importante, que este ano teve ainda a valorizá-la a taça de ouro oferecida pela Junta de Turismo.

O percurso era verdadeiramente de «Grande Prémio», com 15 obstáculos (18 se contamos com o triplo e os dois duplos) à altura máxima de 1,50 m. O facto de nenhum dos 45 concorrentes ter conseguido «limpar» demonstra bem a dificuldade da prova.

O segundo cavaleiro a entrar na pista, o alferes Barros e Cunha no rápido «Jacoso», conseguiu um belo percurso, penalizado com um derrube, em 1 m. 20 s. 2/5, ocupando o 1.º lugar até que «Belver», montado pelo capitão Mena e Silva, também com 4 pontos, passou a favorito com uma bela prova tirada em 1,1 m. e 17 s.

Os «ases» — só eles poderiam brilhar num percurso difícil como este — lançaram-se para a posse do «Grande Prémio», mas não fizeram melhor do que os dois atrás referidos. Assim, «Patol», com Fernando Cavaleiro; «Outô», com Travassos Lopes; «Brioso», com Henrique Calado; «Optus», com Helder Martins; e «Vouga», com Mena e Silva, terminam com oito pontos. «Abanão», com Vasco Cordeiro, acaba, porém a prova com um só derrube mas em 1 m. 24 s. Todos os outros tiveram maiores penalidades.

Quando o «Raso», com Correia Barrento entrou na pista, fez-se um silêncio na assistência. . . Os primeiros obstáculos foram transportados com andamento moderado, para procurar «limpar», mas um toque ligeiro no duplo originou um derrube. Só em velocidade a vitória poderia ser alcançada. Correia Barrento alargou o galope, ganhou tempo nas viragens e os restantes obstáculos foram transportados com aquela facilidade já proverbial no magnífico saltador, que é o «Raso». Quando terminou a prova já não havia dúvidas — com 1 m. 14 s. 2/5 ganhava o «Grande Prémio de Cascais» e a taça de ouro oferecida pela Junta de Turismo.



Correia Barrento, no «Raso», vencedor do «Grande Prémio»



Helder Martins, no «Optus», vencedor da Taça «Embaixador de Inglaterra»

Antes desta prova disputou-se a denominada «Secretariado Nacional da Informação e Cultura Popular», que Milho Ferro no «Quere hoje», ganhou com brilho, voltando a impor-se, seguido de «Abandonado», com F. Pais, e de «Evelyne», com Trigo de Sousa. Esta prova era reservada a cavalos que nos últimos três anos não tivessem ganho mil escudos.

O programa de domingo abriu com a prova «Duque de Palmela», que obrigava à tradicional casaca encarnada e que reuniu nove concorrentes. Ganhou-a «Squalus», montado por José Beltrão, que conseguiu bem o único percurso sem faltas e rápido (58 s.), seguindo-se na classificação «Hopefull Don», com R. Castro Pereira, e «Guadiana», com Lemos da Silveira.

A prova mais importante do dia denominava-se «Taça Embaixador de S. M. Britânica», na qual se inscreveram perto de 50 concorrentes. O percurso era formado por onze obstáculos, com um «oxer» a torná-lo bastante difícil, sendo disputada a prova em «barrage». Fina a primeira parte estava apurado o vencedor — o «Optus», que o capitão Helder Martins conduziu com a preocupação de «limpar», visto que o tempo no percurso inicial não era contado, mas depois de transportados todos os obstáculos teve com 4 pontos num dos mais fáceis — a «vala», já numa altura em que o público aplaudia o vencedor da prova. Prémio justo e bonito, que nada fica a dever a quantos o magnífico cavaleiro tem alcançado nos seus 25 anos de concursista.

À «barrage» para apurar os dois restantes lugares da classificação foram apenas os cavalos penalizados com dois derrubos. «Brioso», «Raso», «Vouga», «Basculho» e «Patol» saem com mais faltas do que na primeira mão; «Xerez», bem conduzido por Rangel Almeida, termina com 4 pontos (3.º prémio), e «Sagres», o único concorrente que «limpa», ganha, com Correia Barrento, o 2.º lugar.

A sempre agradável prova de «Amazonas» terminou com a vitória da Condessa de Schouvaloff, no «Hopefull Don», com o único percurso sem faltas. Nos lugares imediatos classificaram-se Helena Fortes, no «Beduíno», que venceu no ano anterior, e Maria Tereza Ivens Ferraz, no «Jocoso». Esta concorrente viu inutilizado o seu belo percurso no «Tobruk» por não ter passado a bandeira da última pista, descuido que lhe deve ter tirado o 1.º lugar.

O Concurso terminou na segunda-feira com as provas «Despedida» e «Taça General Carmona», às quais faremos referência no próximo número.



Milho Ferro, no «Quere Hoje», vencedor da prova «Nacionais»

O desporto em Viana do Castelo

O movimento desportivo em Viana do Castelo está concentrado em dois clubes: o Vianense Futebol Clube e o Clube Náutico de Viana. São estas as colectividades que detêm a principal acção de desporto, dividindo entre si as modalidades que maior interesse despertam. O Náutico animando os desportos de remo, vela e natação, o Vianense, embora mais dedicado ao futebol, mantendo secções de atletismo, «basketball» e tiro—qualquer delas procura movimentar o mais possível a gímnastica.

Os primeiros passos no desporto náutico

Assim como sucede na Figueira da Foz, em Aveiro e Caminha, Viana do Castelo interessa-se com entusiasmo pelo remo. Encontramos na bela cidade minhota bom ambiente para que a modalidade prospere. E tem condições para o fazer. Há na terra vontades fortes e bons elementos, prontos a animarem o desporto náutico, levando-o ao nível de prestígio que merece. E cremos que assim sucederá. Notamos o desejo de fazer muito mais. As provas dadas são magníficas. O apoio do Município não será negado—Viana deve aparecer dentro em breve no lado dos principais centros náuticos do País.

Viana do Castelo tem tradições no desporto náutico, desde o tempo em que no Lima se disputavam as regatas de escaleres. E não está esquecida a última, por ocasião de umas festas da cidade, com a taça oferecida pela rainha D. Amélia.

Nesse tempo pertencia ao Clube Taarino de Viana a maior actividade. Mas o rodar dos anos enfraqueceu o desporto náutico e até 1930 os vianenses não conseguiram retomar a sua actividade no desporto do remo.

Regressa então a Viana Humberto Barros, que durante anos se deixara enfeitar pela terra brasileira. O seu interesse pelo remo é grande. Consiço traz o treino de sua boa actividade nas regatas do Rio de Janeiro e uma soma importante de conhecimentos técnicos da modalidade, dos quais os vianenses iam aproveitar. Assim foi. Vem dessa altura o ressurgimento do remo em Viana do Castelo.

Começa por fundar uma secção náutica no Sport Clube Vianense, adquirindo o material náutico do Clube Taarino. Os vianenses viram com interesse a actividade de Humberto Barros, que, entre outros, encontra a boa colaboração de Miguel Lemos.

Promovem a primeira regata, a que não são indiferentes Vila do Conde, Santo Tirso e Espoende, já animados pelo desporto náutico.

Depois, procuram interessar mais elementos e oferecem alguns dos escaleres, que tinham vindo do Clube Taarino, ao União e Viana Futebol Clube.

Sempre animados—o desporto náutico tinha já encontrado decidido apoio—avançam com a ideia de ampliar o movimento do remo e põem de parte os escaleres, passando aos «out-riggers». É a renovação, o princí-

O entusiasmo pelo remo—O presente e o futuro—A actividade noutras modalidades

pio que levaria Viana a ser um grande centro de remo. Os outros clubes não os podem acompanhar—e a sua secção náutica aparece nas primeiras regatas com Caminha. O «out-rigger» do tipo «shell» marca com a sua presença o futuro do remo vianense. E' então que dá entrada na secretaria da Federação Portuguesa do Remo a sua inserção, mas haviam-se desligado do Vianense e fundado o Clube Náutico de Viana. Já nesta altura o sr. engenheiro Alberto Vilaça, hoje presidindo à direcção do clube, acompanhava com o maior entusiasmo o desenvolvimento do remo na cidade do Lima. Outros elementos aparecem e ficam, épocas após épocas, trabalhando com muito interesse. António Coelho e Abel Torres vêm completar o elenco directivo do Náutico, que surge depois nas regatas internacionais da Figueira da Foz. Os seus representantes impõem-se, especialmente, porque demonstram a preocupação de valorizarem a sua técnica. Não fraquejam por insulência de conhecimentos e os seus conjuntos não se salientando, porque não fazem as regatas de responsabilidade, se bem que de antemão reconhecem a superioridade dos outros concorrentes. Mas aparecem. Chegam a vir a Lisboa e alcançam uma boa vitória.

O Clube prossegue na sua actividade, vai formando novos elementos, preocupando-se em apresentar um escol de remadores. Há um aspecto que a si próprios impõem e até hoje têm mantido: todos os remadores do Náutico são feitos no clube. Desde o primeiro dia em que pegam num remo, até terem de ser substituídos, mantêm-se firmes na sua dedicação ao clube e ao remo. Domingos Leite, que tem vindo desde proa a voga, é um exemplo.

O presente e o futuro

A organização do III Campeonato Peninsular, missão confiada ao Clube Náutico e de que tão bem se saía, pode ser encarada como o melhor testemunho da actividade do clube. Ao mesmo tempo advinha-se que pode contar-se de futuro com este valioso elemento. Tem projectos interessantes e valiosos com que muito há-de lucrar a modalidade. Entre eles figuram várias organizações de provas de remo, para as quais contam com o auxílio do município vianense.

A sua ideia filia-se em tudo conseguirem—a bem do remo. As suas tripulações estão a ser «reforçadas» com os elementos novos.

O Náutico de Viana estão por certo reservados os melhores dias do remo nacional. Sob as cores amarelo-negro da sua flâmula aparece a esperança radiosa do futuro do remo vianense, ligando-se ao belo ambiente que está tendo o desporto náutico em Portugal.

E quando um clube conta com elementos de tão bom valor, com o interesse e valioso apoio das

entidades locais e com o entusiasmo de uma terra, não é difícil vencer, levar por diante a bela ideia de prestigiar tão salutar desporto como este do remo.

Al Vianense Futebol Clube pertence a restante actividade ao desporto local

O Vianense Futebol Clube é o fulcro de tudo o que se tem feito em desporto atlético em Viana do Castelo.

Tem 60 anos de actividade, iniciados com a gímnastica e o ciclismo. Depois acusou um certo enfraquecimento, natural na transformação das actividades desportivas, que então se verificou.

Mas data já de há 20 anos o seu retorno à propagação e actividade desportiva. A natação e os desportos atléticos têm-lhe merecido desde então especial interesse.

No entanto, é o futebol que mais tem prestigiado o Vianense, disputando o campeonato da Associação de Futebol de Braga.

No seu passado há apontamentos de valor, onde se reconhece bom interesse em propagandar o caso desportivo. Ainda tiveram a ligação com o Aviz A.C. e o Clube Taarino, mas depois

eambarham mais e melhor. Deve-se-lhe o primeiro campeonato nacional de natação, disputado na doca da cidade. Foi a altura de se revelarem bons nadadores, como Faustino José e Zeferino Costa.

Uma outra modalidade se começou praticando no clube: o tiro de guerra. Outras modalidades desportivas foram impulsionando a vida do Vianense. Todos os desportos que se iam tornando conhecidos eram cultivados pelo clube, que no entanto não abrandava o seu movimento na natação. São centenas os nadadores feitos pelo Vianense.

Presentemente está no futebol a sua maior actividade. Disposto do Estádio José de Matos, com campo de «basket» e carreira de tiro, e de um treinador com bom prestígio e conhecimentos, o dr. Alberto Gomes, o Vianense tem alcançado tardes magníficas no futebol. Preparam-se agora para a nova época com fundadas esperanças de bons resultados.

Assim como no Náutico, também o Vianense tem vários e interessantes projectos para pôr em prática, e da sua execução muito há a esperar em benefício do desporto vianense.

A Mocidade Portuguesa em Viana do Castelo

Aparte estes dois clubes de desporto, pouco mais há em Viana do Castelo.

O Viana F. C., tendo começado

(Continua na página 14)

Figuras e Factos das regatas peninsulares de remo



Eng. VILACA e HUMBERTO BARROS

brilhanismo com que decorreram as regatas do III Campeonato Peninsular deve-se a um conjunto de factos, tornados possíveis devido ao entusiasmo de um grupo de pessoas que fica ligado ao belo triunfo náutico de Viana do Castelo.

Ponha-se em devido relevo a forma como a Federação de Remo orientou todos os assuntos que levaram à realização dos campeonatos, não só pelo constante contacto que manteve com a Federa-

ção Espanhola, como pela maneira como soube orientar todos os assuntos que se prenderam com as regatas.

No entanto, se ao organismo federativo cabem louvores pela sua acção, a Câmara Municipal de Viana do Castelo recebe também louros de prestigiosa vitória pelo que conseguiu na linda cidade minhota.

O seu apoio decidido contribuiu para que no formoso estuário do Lima se levasse a efeito uma das mais belas manifestações de remo. Ficou assim amplamente justificado o seu interesse para que lhe cabesse a honra de lá ter o III Campeonato Peninsular.

Mas a par dos dois organismos, outros dois nomes lhe estão ligados: os dos srs. comandante Soares de Oliveira, presidindo na Federação, e dr. Rocha Páris, do Município vianense.

Se o primeiro mais uma vez em prestou ao desporto náutico a importância do seu saber, o presidente da Câmara vianense foi um colaborador magnífico. O seu prestígio ficou assinalado com mais esta organização, servindo bem o desporto do remo e melhor ainda a propaganda de Viana.

A organização técnica das regatas foi impecável. O Clube Náutico de Viana desempenhou-se admiravelmente da árdua missão. Tudo cuidado. Desde a sinalização completa dos 2 mil metros de pista até ao cumprimento do horário das regatas, tudo funcionou acertadamente. A informação por T. S. F.,

Os primeiros jogos da época

Vitórias do Sporting, Benfica e Belenenses

PRINCIPIOU o futebol. Sem responsabilidades em diversos centros — e já a «doer» em várias regiões...

Nas duas cidades mais importantes — Lisboa e Porto — apenas se efectuaram desafios de experiência... E alguns dos bons «teams» foram de visita: o Benfica até à Covilhã e o F. C. do Porto e o Belenenses até Lamego. Deveria ter sido este o jogo mais importante — se de importantes podiam classificar-se os desafios marcados para o primeiro domingo da época.

Em Lisboa, o Sporting jogou contra o Estoril, no campo do Fósforos. Os leões entraram a época com o «pé direito», visto que venceram por 3-2. Mas estes resultados, por enquanto, podem não dizer nada. Não dizem, mesmo. Ao público interessava apenas ver os seus ídolos no terreno. E eles lá estiveram: Manuel Marques, Azevedo, Albano, Veríssimo e Barrosa; Lourenço, Valongo, Raúl Silva, Mateus, Elói e Pereira... Isso bastou para contentar os assistentes.

Em Campolide, disputou-se também um desafio, entre o Casa Pia A. C., grupo de honra, e o Atlético Clube de Portugal — «team» reserva. Empataram 4-4.

Disputou-se em Lamego, positivamente, o jogo mais renhido: Porto-Belenenses. A equipa lisboeta, treinada agora por Augusto Silva, ganhou o desafio por 2-0.

Ao F. C. P. fêz muita falta o guarda-rédes titular, Barrigana, impossibilitado durante algum tempo, por doença. A exibição dos dois grupos foi modesta.

✦ O Benfica deslocou-se para a Covilhã, onde ganhou ao S. L. Covilhã por 12-0. A nítida superioridade dos «encarnados» lisboetas dispensa comentários.

✦ O Fósforos, jogando antes do Sporting-Estoril ganhou ao Chelas por 3-1 — sem discussão.

✦ Principiou o primeiro campeonato regional: o de Setúbal. Na primeira jornada verificaram-se vitórias do Seixal, «Cufa», Gimnásio do Sul e Vitória de Setúbal, sobre o Amora, Barreirense, Onze Unidos e Luso do Barreiro, por 3-2, 1-0, 4-2 e 5-0, respectivamente.

De notável, apenas os bons resultados do Vitória contra o Luso, no próprio campo deste, e do Gimnásio do Sul na frente do Onze Unidos.

✦ Alguns dos resultados de jogos particulares: Em Leixões, o clube local ganhou ao Famalicão por 3-1; em Viana do Castelo, o Vianense venceu o Vilanovense por 4-2; em Espinho, os campeões aveirenses ganharam ao Gaia por 4-1; e na Póvoa de Varzim, o Salgueiros derrotou o Varzim por 5-1. Em Coimbra, o União venceu o Sport por 12-1. Os unionistas alinharam muitos elementos novos: Carquino (Covilhã), Carvalho (Benfica), Hemitério (Sporting) e Jesus (Atlético).

em emissoras de bordo do gasolina que acompanhava as regatas, para terra, onde o sr. tenente Albano Duque dirigia os serviços de recepção, mereceu elogiosas referências, pela novidade e pelo bom serviço informativo.

A Emissora Nacional esteve também em Viana do Castelo, trabalhando na retransmissão do grande acontecimento desportivo, em colaboração com o posto militar.

O engenheiro Silva Dias, na parte técnica, e Quádrío Raposo, na reportagem, cumpriram integralmente este valioso pormenor.

Há outros nomes que não podem esquecer. A organização pô-los bem em relêvo pelo seu trabalho esforçado e dinâmico de entusiasmo.

Humberto Barros, o homem que conseguiu fazer ressurgir o remo em Viana do Castelo, multiplicou-se. Um grande elemento.

O engenheiro Vilaça, presidente do Náutico, classificou-se para os primeiros lugares dos que conquistaram louvores.

A Federação teve em Viana dois dos seus mais activos elementos. João Santos, o seu secretário, com um trabalho intenso e de grande dedicação. Foram-lhe confiados os mais pequenos pormenores. É inegável que esta vitória lhe pertence também.

Mendo Saraiva acompanhou da melhor maneira o secretário da Federação. A sua experiência foi uma colaboração valiosa, servindo especialmente a parte protocolar dos campeonatos.

O banquete oferecido aos remadores e dirigentes efectuou-se à

noite, no Hotel de Santa Luzia. Foram horas de bela confraternização. Os remadores portugueses e espanhóis mantiveram entre si animada conversação, selando essas horas de boa camaradagem com a troca dos emblemas dos seus clubes.

Quando se procedeu à distribuição dos prémios, os federativos espanhóis solicitaram para si a honra de entregarem à Federação Portuguesa o troféu peninsular.

Este pormenor indica de verdade a simpatia que conquistaram em Viana os representantes de remo espanhol — D. Juan Farré, D. José Giral e Martínez Llobet.

A presença do sr. dr. Amorim Ferreira, subsecretário da Educação Nacional, do Director Geral de Desportos e de outras entidades oficiais, emprestou ao Campeonato Peninsular ambiente de prestígio, como merecia uma jornada desportiva de tanta importância.

O café-bar Girassol é o ponto de reunião do meio desportivo e ali vão também os melhores elementos do Viana.

Ao agrado do local — em plena avenida marginal — o Girassol, bem «timonado» por Humberto Barros, acolheu todas as figuras salientes ligadas ao remo nacional. Dalí partiram sempre as melhores notícias e informações.

Os jornalistas locais foram companheiros excelentes. De todos, o enviado especial da Stadium recebeu provas de boa camaradagem e amizade, sentindo facilitada ao máximo a missão que o levou à formosa Viana do Castelo.

Ral, ^{da}

Armazém de Azeites

Rua Nova de Santana, 31

VIANA DO CASTELO

TELEFONE 204

**Auto-Viação
Melgaço, L.^{da}**



Sede em Melgaço

Telefone 7

**Concessionária das carreiras
de camionetes entre**

S. Gregório - Monção

Escritórios

Avenida dos Combatentes
da Grande Guerra, 236

Telefone 204

VIANA DO CASTELO



Ranhada & Teixeira, L.^{da}

**Concessionários FORD
para a província do Minho**

Sede: Avenida Marechal Gomes da Costa, 52

BRAGA

Telefone 2569

REGISTAM-SE ENCOMENDAS
DOS MODELOS A CHEGAR

Garagem  **Avenida**

JOSÉ RANHADA
**Avenida dos Combatentes
da Grande Guerra, 236**

Telefone 107

As melhores instalações da cidade

JOÃO LOURENÇO foi o vencedor do II LISBOA = SANTARÉM = LISBOA

MISTA BICICLETAS "FLECHA"

João Lourenço à sua chegada a Santarém, ganhando a 1.ª tirada



A partida do Alverca, perante o costumeado interesse da multidão



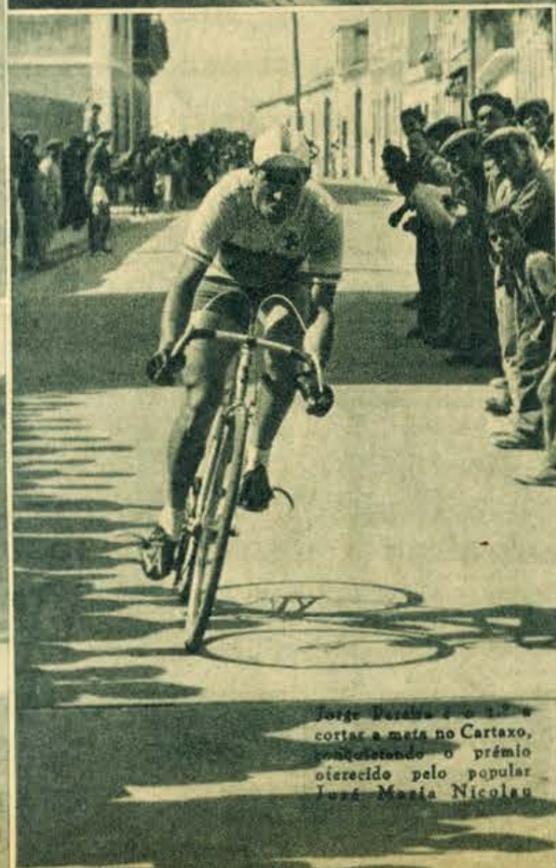
Rato é o primeiro a passar em Alverca



O pelotão que se lançou após Rato, para o alcançar



David, G. Jacinto, T. da Silva e Pálves durante a sua fuga



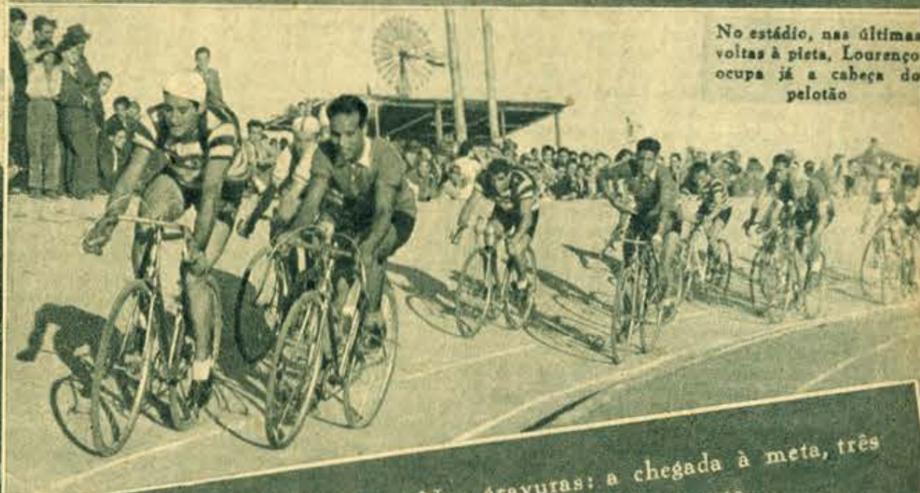
Jorge Parêdo é o primeiro a cortar a meta no Cartaxo, conquistando o prémio oferecido pelo popular José Maria Nicolau



A passagem em Vila Franca, ao meio do habitual alarismo



À entrada de Vila Nova de Raíana



No estádio, nas últimas voltas à pista, Lourenço ocupa já a cabeça do pelotão

ASPECTOS DO CIRCUITO DE ALENQUER, GANHO TAMBÉM POR LOURENÇO — Nas gravuras: a chegada à meta, três aspectos da prova e um percalço de Driss — que o brioso marroquino remedia sem desfalecimento...



Ainda o Portugal-Espanha

Algumas verdades que importa dizer

ESTE II Portugal-Espanha em natação e «water-polo» reflectiu, com precisão, o que valemos na modalidade. Trouxe à superfície o valor de alguns campeões, mas, acima de tudo, veio corroborar, com factos e com números, opiniões por diversas vezes expostas nestas colunas. Veio demonstrar o que tantas vezes temos afirmado: a natação vive, entre nós, de dois ou três elementos realmente valorosos. Mas falta-lhe, em contrapartida, um conjunto homogêneo, faltam-lhe sub-campeões — se nos permitam a designação — que possam substituir ou compensar uma «falha», ou que, no conjunto, valorizem a pontuação. Vejamos.

O valor das equipas

A turma portuguesa, boa no seu aspecto qualitativo, era no entanto fraca quantitativamente. A nossa «sorte» estava na mão de três elementos — Simas, Baptista Pereira e Artur Mendes Silva. Os restantes — simples comparsas, com vista ao primeiro pósto. E nada melhor do que isto define o que é, presentemente, a nossa natação — modalidade em que a quantidade de praticantes diminuiu assustadoramente.

Os espanhóis, não. Tanto nas provas em que saíram vencedores, como naquelas em que foram vencidos, os «tempos» dos seus dois representantes são muito aproximados. E apenas em uma — nos 200 metros-brucos — um representante do país vizinho foi o último a tocar. Exemplifiquemos. Nos 1.500 metros-livres, Manolo Martinez (1.º) fez 22 m. 27 s. 9/10 contra 22 m. 30, 2 s. de Ollo (2.º); nos 100 metros-costas, o mesmo Martinez (2.º) obteve 1 m. 18 s., contra 1 m. 20 s. de Piernavieja (3.º); nos 100 metros-livres, o equilíbrio é flagrante: 1 m. 5,4 s. de Pera e 1 m. 5,8 de Ferry, respectivamente terceiro e quarto classificados.

Foi essa homogeneidade que faltou ao nosso elenco. Há casos, como por exemplo o dos 400 metros-livres, em que a diferença entre o primeiro e o segundo portugueses é profunda: 5 m. 24 s. de Baptista Pereira e 5 m. 55,8 s. de Belmiro Santos.

Basta de exemplos. Podemos concluir: a natação portuguesa — mesmo que amanhã, por mero acaso, possuisse um «recordman» mundial — precisa de trabalho em profundidade, que só pode ser levado a efeito desde que exista número elevado de clubes a trabalhar em boas condições técnicas.

São precisas piscinas desportivas! De contrário, continuaremos a viver do esforço isolado de dois ou três elementos — que uma dor de rins pode aniquilar, de um momento para o outro...

O problema do «water-polo»

Quando, há dezasseis anos, jogámos pela primeira vez com a Espanha, num rectângulo montado na doca dos Submersíveis, em Belém, perdemos por 2-1, resultado inegavelmente interessante para um baptismo internacional. Quasi duas décadas volvidas, vamos a Barcelona perder por oito

bolas, sem resposta... E daqui não há que fugir, a menos que tenhamos a fraca inspiração de afirmar que ganhámos moralmente...

Não. O que temos é de encarar o problema de frente e resolvê-lo, ou apelar para quem o resolva.

Neste campo podemos falar com desassombro. Somos a única publicação que ao «water-polo» tem dado, pela palavra e pelo exemplo, o melhor do seu esforço, nestes últimos tempos.

Um «team» de «water-polo» não se improvisa em quinze dias. Como pode pensar-se numa selecção nacional de qualquer modalidade da que se não disputam campeonatos? O resto — é literatura...

O próximo encontro

O III Portugal-Espanha em natação e «water-polo» realizar-se-á nos próximos dias 16 e 17, no Estádio Náutico de Algeciras. E como é natural que os nossos representantes tenham continuado a trabalhar, não constitui excesso de optimismo acreditar-se numa vitória portuguesa. Para tanto bastará que Baptista Pereira corra normalmente as suas provas e que Mário Simas se encontre mais refeito do acidente que o manteve afastado do treino e torneios. Quere dizer: com os campeões das respectivas provas a darem o seu rendimento normal, Portugal pode ganhar à Espanha, em natação pura. Em «water-polo», sinceramente, não o cremos...

ABREU TORRES

Os campeonatos nacionais disputam-se no sábado e no domingo na piscina do Mondego

A natação em Coimbra data de há uma década. A construção da praia artificial do Mondego, a ida de clubes lisboetas à cidade universitária, o esforço desenvolvido por Elísio Rodrigues foram, digamos, a mola impulsora da bela modalidade na velha Coimbra. Fizeram-se as primeiras provas de propagação — e vieram os primeiros adeptos. Ao cabo de meia dúzia de anos, Coimbra era, por mérito próprio, o segundo centro natatório do País. E nadadores suas conquistaram, meritariamente, títulos nacionais.

Para o desenvolvimento que a natação atingiu em Coimbra, muito deve ter contribuído a realização, por diversas vezes, dos campeonatos nacionais da modalidade na bela praia artificial do Mondego. O público coimbricense, sempre entusiasta e acolhedor, tomou, assim, contacto com os melhores valores da natação portuguesa e assegurou sempre, com a sua comparencia, os êxitos da organização. Este ano, vai novamente Coim-

ALFREDO DA SILVEIRA

atleta valoroso e leal, despede-se no sábado da actividade desportiva

A vida passa inexoravelmente e na sua evolução arrasta os homens, afastando-os das suas predilecções e actividades. No campo desportivo, mais ainda do que na maioria dos outros, o tempo é adversário implacável, o único contra o qual não há treino nem vontade que se possam impor.

Ao cabo de vinte anos de prática do atletismo, sempre com lealdade impoluta e verdadeira devoção, um grande atleta vai abandonar o desporto de competição: chama-se Alfredo da Silveira e não lhe conhecemos senão amigos, nunca o vimos desviar-se uma linha do caminho rigoroso do desportivismo e da isenção.

Há marcado para sábado próximo, no Estádio do Lumiar, o festival promovido pelo seu clube para sua última apresentação na pista, e nessa simpática festa virão trazer a Alfredo da Silveira o seu testemunho de interesse todos os

seus antigos e novos camaradas, aqueles que aprenderam pelo seu exemplo e aqueles que a seu lado, nas melhores épocas da mocidade, o tiveram por companheiro admirado.

E' dos que não podem esquecer, este rapaz modesto e delicado, quasi humilde na sua delicadeza, que, em vinte anos de vida desportiva, nunca teve um gesto desleal, nunca regateou o seu melhor esforço, sempre soube honrar as cores do seu clube e os preceitos da doutrina do desporto.

O problema da selecção

Estamos a menos de quinze dias do encontro Portugal-Espanha e o problema da selecção nacional ainda não está resolvido, parecendo até complicar-se de dia para dia sob certos aspectos.

No entanto, inalteravelmente conservamos a confiança passada, não uma confiança cega, insensata e perigosa, mas a certeza de que, na hora própria, não haverá um único atleta, susceptível de contribuir para o êxito da equipa, que negue o seu concurso ou economize o seu esforço.

Alguns há, como por exemplo Sampaio Peixoto, cujo procedimento é digno de aspera censura e ficará para sempre como mácula na sua carreira de atletas valorosos, mas estragados pelo auto-conceito exorbitado do que julgam valer.

Para êsses reservará a Federação o rigor que merece e a lei lhe faculta aplicar; nenhum desportista pode negar o seu concurso a representações nacionais sob pena das mais graves sanções.

No domingo fizeram-se mais algumas provas de selecção, que, como as precedentes, resultaram inúteis; parece-nos que a orientação deve agora ser outra e não percebemos por que motivo a Federação se não decidiu ainda a dar início aos treinos semanais colectivos dos possíveis seleccionados, coisa que já devia ter feito há muito tempo.

Mas, apesar de tudo, mantenhamos a confiança naqueles a quem couber a honrosa missão de representar o atletismo português ante os embaixadores do atletismo espanhol.

Os campeonatos da F. N. A. T.

A F. N. A. T. fez disputar no sábado e domingo passados os seus campeonatos regionais, com numerosa concorrência e apreciável comportamento dos inscritos. As provas tiveram lugar no campo de Belém, que é impróprio para competições deste género, subtraído-lhe considerável parcela do seu brilhantismo e, até, da sua regularidade.

O piso da pista é péssimo; pelas reduzidas dimensões do campo, o traçado das curvas é muito apertado; a falta de instalações para o público e a deficiência de vedação tornam impossível a disciplina e a ordem no recinto de provas.

Houve alguns resultados excelentes e rapazes que provaram sérias aptidões; reservamos para a semana o comentário justo às suas provas.

SALAZAR CARREIRA

As nossas SEPARATAS

Este número da STADIUM é distribuído com a sexta separata da série de emblemas dos clubes desportivos, na qual, como anúncios, figuram os da Académica de Coimbra, Desportivo de Aves, C. F. «Os Elvenses», Imparcial F. C., Moreirense F. C., S. C. Vianense, U. F. Comércio e Indústria e Desportiva Oliveirense.

Estão já a imprimir as tricromias do «onze» do SPORTING, vencedor da «Taça de Portugal», e dos campeões de «basket» do BELENENSES.

Brevemente: as primeiras fôlbias da BIBLIOTECA DA «STADIUM»!!

bra organizar as provas máximas da natação portuguesa, a disputar naquela cidade, nos próximos sábado e domingo. E Coimbra bem merece essa honra, diga-se desde já. Os coimbricenses não se têm poupado a esforços e tudo parece conjugar-se para que os campeonatos nacionais deste ano fiquem assinalados como das mais belas jornadas que a modalidade tem vivido.

Os nacionais de 1945, vêm, o mais possível, na altura própria. Depois do II Portugal-Espanha, com os nadadores no melhor da sua «forma», e precisamente a uma semana de novo encontro com os nadadores espanhóis, os campeonatos podem, ainda, servir para aquilatar das possibilidades das nossas figuras mais representativas. Nestas condições, lógico é prever «tempos» de valor.

FÁBRICA DE CHOCOLATES
“A VIANENSE”
 FELGUEIRAS & LIMA, Sucessores
 RUA DO GONTIM (Próximo à Ponte)
 VIANA DO CASTELO Telephone 95

A nova época de futebol...

DIRIGIMO-NOS especialmente aos clubes que costumam disputar o «segundo pósto» do campeonato português. Embora ninguém possa garantir que o título regional venha a pertencer «indiscutivelmente» ao F. C. do Porto, habituámo-nos já a julgá-lo livre de surpresas graves, a menos que tudo venha a acontecer como há 3 ou 4 anos...

Por isso — dirigimo-nos aos clubes que pretendem acompanhar o crónico campeão. E para os aconselhar. Nos últimos anos, o «segundo» do Porto não tem dado aos restantes clubes da prova maior aquela luta que seria de esperar. Embora representando um centro com facultades, o companheiro do F. C. do Porto não conseguiu ainda impressionar o público da capital. As exhibições do Salgueiros, na época finda, — porque não dizê-lo? — causaram verdadeira decepção.

Ora é preciso que tal não suceda. O campeonato nacional da Primeira Divisão já não pode admitir que o «segundo» do Porto venha por favor à prova, e ninguém ignora que muitos o tentaram já «eliminar». E outros, à custa de reformas que não chegaram a verificar-se, equilibravam Braga e Setúbal com a cidade do Porto.

Torna-se por isso necessário ter cautela. Seja qual for o grupo, primeiro ou segundo — deve recomendar-se-lhe desde já a melhor aplicação. No seu próprio interesse e no da cidade que representam.

A não se dar isso, que não se lamentem depois — quando se reconhecer definitivamente que o Porto não tem correspondido às necessidades financeiras e desportivas da prova...

ATLETISMO FUTEBOL

O torneio do Vilanovense

A todos os títulos — foi simpática e iniciativa do Vilanovense ao organizar o seu torneio de desportos atléticos, para principiantes.

Este torneio fez reviver o brilhante passado de uma agremiação que dedicou especial carinho à cidade do atletismo, onde fulguraram estros de primeira grandeza, como Patrício Came, irmãos Calheiros Lóbo, Arnaldo Castro, António Marcolino, Camilo Vaz, Armando Moura, Mendes Ribeiro, Torres Peixoto, Carlos Lopes, Tavares Crespo, Joaquim Rocha, F. Rodrigues, etc. Foi, com propriedade, o dia de evocação do Vilanovense.

Uma jornada decorreu com visível agrado, e, quanto à organização, lamenta-se apenas a morosidade no início das provas, sempre muito espaçadas, constituindo o único «senão» do torneio.

O Académico, que nos últimos anos tem dado notável impulso ao atletismo, não compareceu, sentindo-se, naturalmente, a sua ausência.

Desta maneira, a luta circunscreveu-se a três clubes — o organizador, o F. C. do Porto e o Amaranthe, tendo o Operário acusado a presença com 1 atleta.

O F. C. do Porto foi o brilhante vencedor por equipas, mas, isoladamente, os outros participantes tiveram actuação feliz.

Entre os diversos principiantes que participaram nas provas, dois, principalmente, deixaram excelente impressão. Um, o habilidoso Rodrigues (Vilanovense), vencedor do dardo. Como no «handball», este rapaz evidencia-se no atletismo com rara intuição técnica. Teria derrubado o «record» do Norte se o dardo obedecesse às medidas regulamentares.

Outro, Amílcar Monteiro, do clube de Amaranthe, vencedor do peso. Perfeita silhueta de atleta, os seus lançamentos, pela correcção do estilo, foram justamente aplaudidos.

O clube organizador, num gesto simpático, fez distribuir, além de taças e medalhas pelos vencedores, diplomas aos concorrentes.

L. M.

Primeiros pontapés...

A CABOU o desfecho. Entramos na época de 1945-46. Já no domingo se deram os primeiros pontapés de abertura da temporada de futebol, o desporto que magnifica e atrai as multidões, jogue-se mais ou menos, suba-se ou desça-se no nível técnico da modalidade.

Na cidade, o ambiente é de pura expectativa. Aguarda-se o próximo domingo para se conhecer a consiliação dos grupos dos clubes «maiores», num desejo muito lógico de se poder aquilatar dos valores em campo, das «novidades» que se apresentem.

O campeonato regional de futebol desta ano apresenta um caso que não se registava há anos — a subida de um grupo da 2.ª divisão à divisão «maior». Este ano, pois, poderemos ver o Ramaldense, que, por direito de conquista, ascendeu à 1.ª divisão, enquanto que o Académico baixou para a 2.ª.

Vamos ver como se comportam os valorosos rapazes de Ramalde, em luta com os «veteranos».

Ramalde vai movimentar-se com a presença ali dos grupos que disputam o título da 1.ª divisão e isso deve constituir acontecimento de de todo, traduzido no número de espectadores que irão ao campo do Ramaldense aquilatar da forma como os locais se defenderão dos ataques dos «velhos».

Este facto, se não outros que o futuro nos apresente, deve dar ao campeonato regional da época que se inicia boa dose de interesse — que servirá para reforçar o de todas as épocas, quando a luta recomeça, e que chama aos campos de futebol as legiões entusiasmadas de simpatisantes do desporto-rei.

Por outro lado, como a nova época, pelos seus resultados, tem especial relevo para a classificação dos grupos que deverão constituir a futura 1.ª divisão nacional, esta circunstância vem avivar ainda mais a curiosidade das assistências, pois sabe-se que os grupos têm desenvolvido cuidado especial com vista a resultados que lhes garantam um «lugar ao sol»...

M. A.

Stadium na Capital do Norte

MOSAICOS nortenhos...

De oito em oito dias

♦ **TUDO** quanto se dizia sobre a passagem de jogadores do F. C. P. para clubes diversos ficou «em águas de bacalhau»... — como se dizer-se. Catolino, Lourenço, Camilo, Barrigana e muitos mais assinaram a respectiva ficha pelo F. C. do Porto. Pronto: terminou a lenda!...

♦ **ARMANDO**, do Sport Clube de Vila Real, que o ano passado esteve a treinar no Benfica, ingressou nos campeões do Norte. É um bom reforço para a defesa «azul-branca».

♦ **FOI TRANSFERIDO** para o F. C. P. o guarda-rédes Szabo Junior. Como Barrigana se encontra doente, é muito natural que os campeões portugueses alinhem o filho do seu treinador durante algum tempo.

♦ **CAUSOU** sensação o «fundo» publicado no último número sobre o futuro Estádio do F. C. do Porto. Mais uma vez podemos garantir que o assunto tende a resolver-se com a maior brevidade possível. Nas Anlas, local admirável e perto do centro, ficarão por certo as novas instalações do popular clube nortenho.

♦ **O HANDBALL** português está revolucionado. E porquê? Porque os «assuntos» da Associação ou da Federação respectiva são desvendados demais. Transcrevem-se documentos na imprensa, — ofícios que pertencem ao segredo das secretarias... Não se compreende bem que assim suceda. E, principalmente, que «todo o mundo» se habilite a companhias por dá cá aquela palha... Não poderia o presidente da A. H. P., dr. Leonardo Reis, opor-se a este estado de coisas?

♦ **O handball**, com certeza, não precisa de propaganda tão inútil. Da melhor propaganda — isso sim. Mas essa não se tem feito ultimamente...

♦ **NO SALGUEIROS** há por agora todo o entusiasmo. E conta-se com a presença de Rebelo — um elemento que o Benfica reclama, alegando que o «emprestou» aos encarnados do Norte. Poderá ser? O Salgueiros, entretanto, não desiste — e pretende alinhar com ele na próxima época.

♦ **EM AGOSTO LEÇA**, campo que o Salgueiros tem melhorado constantemente, talvez o F. C. do Porto venha a realizar os jogos do campeonato nacional. Quere isto dizer: o F. C. do Porto não utilizará esta época o Estádio do Lima. Durante o regional, entretanto, deve chegar o Campo de Constituição, actualmente melhorado pela garantia dos «azuis-brancos».

♦ **LEÇA-SALGUEIROS** em «handball» outra vez? É natural. Os jogos de passagem, na época finda, foram feitos com a presença de um jogador mal inscrito: Dias Leite. Mas para não «fazer sangue», tanto mais que o Salgueiros não deve ter tido culpa no caso, a melhor solução seria fazer repelir os jogos.

E, futuramente, que não se esqueça ninguém deste pormenor:

Bravo, remadores!

A disputa do campeonato peninsular de remo e a brilhante vitória dos valorosos componentes das equipas de Aveiro e Caminha mostraram que o «nosso» remo está em franco progresso.

O acontecimento é de justificada alegria para o País — mas mais ainda para a região nortenha.

Entretanto, é com mágoa que verificamos que os nossos clubes praticantes do remo — queremos referir aqui os desta cidade — não puderam ainda constituir tripulações que acompanhem, galhardamente, os valentes rapazes de Aveiro e Caminha. Este facto deve ser bem vincado, para que, no próximo ano, possamos ter a satisfação de ver alguma equipa portuguesa em posição de disputar aos nossos vizinhos os títulos máximos do remo peninsular.

Entretanto, saúdemos, com toda a sinceridade, as turmas do Galitos e do Caminhense, que tão bem souberam defender as cores nacionais no estuário do Lima.

Reforçando...

No domingo, 26 de Agosto, a Foz e região adjacente estiveram envoltas em nevoeiro desde o meio dia, neblina essa que, mais tarde, subiu para a cidade, ameaçando envolver-lá também.

Já referimos aqui a inconveniência da instalação da zona desportiva no local designado pela nossa edilidade. E a natureza, como que a confirmar os nossos dizeres, apresentou-nos um nevoeiro tal qual mencionámos, justamente a um domingo. Se o facto se desse num dia de jogo na futura «zona desportiva», como poderia efectuar-se o mesmo, com a névoa que estava?

Tenham paciência. A Foz não se presta para a chamada «zona desportiva». Fria e nevoenta como é, além de ventosa, reúne os inconvenientes bastantes para que dela se desvie a intenção manifestada.

Festa brava

O afadigoso trabalho desenvolvido pelo Grupo Taumático Sector 3, construindo um redondo no Palácio de Cristal, com grande dispêndio financeiro, não tem tido da parte do público a merecida compensação — salvo nas «charlotadas»...

O impulso que o «Sector 3» pretende dar à «festa brava» na região portuguesa está, assim, a caminhar para o enriquecimento da sua boa vontade, porque sem assistências não há empresa, mesmo de amadores e animosos como este, que se mantenha.

Jogador inscrito é jogador «préso». Dias Leite, neste caso, não poderá alinhar de novo peio quadro salgueirista. Está «préso», indiscutivelmente, ao Boavista. Como Burnay Pereira ao F. C. do Porto...

Grupo Desportivo dos Ferroviários do Entroncamento

um clube moderno que trabalha com persistente entusiasmo

SE percorrermos o país vamos encontrar, de quando em quando, clubes pequenos que, animados por um entusiasmo justificável e até digno de nota, estão procurando servir o desporto com metódica orientação, não olhando a sacrifícios de toda a ordem para que se cuide da educação física.

Entre eles alinha o Grupo Desportivo dos Ferroviários do Entroncamento, que tem a sede e campos de jogos na laboriosa vila e, que apesar de relativamente moderna, visto que se fundou em Maio de 1931, acusa desenvolvimento digno de nota.

Guiado por um entusiástico grupo de sócios, sob o patrocínio da Comissão de Assistência da C. P., o «Ferroviários» — como é conhecido — tem acusado os sintomas de uma boa orientação e caminhado de progresso em progresso.

Em 1939 foi inaugurado o seu magnífico campo de futebol, classificado, muito ju-



No ano de 1940 o Grupo Desportivo dos Ferroviários do Entroncamento fazia inaugurar o seu magnífico «rink» com um encontro de «hokey» em patins entre os grupos de honra do Sporting Clube de Portugal e do Futebol Benfica, ganho por este último.

Poucos são os clubes que possuem «rink» assim, que alia às suas qualidades o estar colocado num recinto aprazível.

Possui ainda a simpática agremiação bom «court» de «tennis» e em 22 de abril, na presença do Inspector de Desportos dr. Ayala Boto, foi feita a inauguração do campo de «basketball», jogando o clube local com o Grupo Desportivo da C. P., de Lisboa.



tamente, o melhor do distrito — e até dos melhores da província, no qual não faltam balneários e bancadas.

Na sua inauguração — que chamou ao recinto enorme assistência — foram adversários os grupos de honra do «Ferroviários» e do Desportivo da Matrena.

Praticando o futebol com entusiasmo, o seu grupo de honra ganhou com brilho o Campeonato Regional da zona norte de Santarém, ficando em 3.º lugar no Campeonato Nacional da II Divisão, ganhou, então como se sabe, pelo Operário de Vila Franca, seguido pelo Clube de Futebol Benfica. A pontuação colocou-o no entanto à frente do Casa Pia Atlético Clube e dos Leões de Santarém.



Nas gravuras: 1 — O «team», campeão regional de futebol da Zona Norte da A. F. Santarém; 2 — O campo desportivo do Ferroviários; 3 — Os «basketistas», do grupo, na inauguração do respectivo campo; 4 — O terreno de «basket»; 5 — O «court», de «tennis».

Uma vez por semana, um professor militar ministra aulas de ginástica aos sócios e atletas do clube.

A sua sede, que visitámos devido à amabilidade do sr. José da Fonseca Nogueira, secretário da direcção, dispõe de um amplo salão de baile e de uma sala de bilhar, além do gabinete dos corpos directivos e de um bufete. Nas paredes, as tricromias que Stadium publicou, devidamente, emolduradas.

O número de sócios não é grande — o que não tem justificação plausível — e assim o clube mantém-se com um subsídio concedido pela Comissão de Assistência da C. P.

Luta com dificuldades — até os «grandes» as têm — e uma das suas necessidades mais imperiosas consiste no problema da vedação do campo de jogos — apenas circundada por uma vedação que não satisfaz e impossibilita a organização de programas de maior vulto.

Só a Comissão de Assistência da C. P. poderá interessar-se pelo caso, tornando possível aquilo que, sem o seu auxílio, não será fácil conseguir-se. Parece-nos até que a ocasião é excelente visto que se pensa a sério no intercâmbio desportivo entre ferroviários de Portugal e de Espanha, com provas a disputar no Entroncamento.

E' de resto justo todo o auxílio aos clubes que, como o «Ferroviários», servem o desporto com entusiasmo e boa orientação.





Mais algumas imagens
dos **ACONTECIMENTOS**
DESPORTIVOS DA SEMANA
"Hockey" em patins - Ciclismo - Atletismo



HOCKEY. EM PATINS — A visita dos jogadores suíços: 1 — Troca de lembranças no Lisboa-Montreux; 2 — A recepção na Câmara de Cascais; 3 — Fase do jogo Hockey de Sintra-Montreux A. C. — **CICLISMO**: 4 — Dália Cunha, vencedora da prova feminina de domingo. — **ATLETISMO**: 5 — A equipa do Sporting que venceu nos 2x250, no estádio do Lumiar. — Nos campeonatos corporativos: 6 — Alvaro Dias ganha os 300 metros (filhados); 7 — Joaquim Ramos, que triunfou nos saltos em altura (3.ª cat.); 8 — Cesar Gomes, vencedor dos 300 metros (2.ª cat.); 9 — A chegada dos 1.000 metros, ganhos por Adriano Gomes (2.ª cat.).

JOÃO LOURENÇO

conquistou mais duas óptimas vitórias
no II Lisboa-Santarém-Lisboa
e no Alenquer-Caldas-Alenquer

CORREU-SE no domingo a importante prova ciclista Lisboa-Santarém-Lisboa, feliz iniciativa que o Desportivo A Iluminante pôs de pé em 1944 e este ano repetiu com assinalado êxito.

Mantendo o mesmo critério da época passada, o clube organizador fez disputar a prova em duas tiradas, dando-lhe assim características de competição de grande categoria e emprestando-lhe maior emoção que a que se regista em corridas de uma só etapa.

Tornou-se ainda possível, admitindo amadores na prova, que os novos medissem forças com os consagrados, criando-se estímulos propósitos aos que têm aspirações a «ases».

Pena foi que nem todos os clubes que possuem «puros» se não fizeram representar, pois só o Sangalhos e o clube organizador responderam à chamada.

A presença, desta feita, dos voluntários marroquinos, tornou a luta mais equilibrada e os resultados finais difíceis de definir.

A primeira etapa, ganha com justiça por João Lourenço, foi atleticamente superior à de 1944, pois o tempo de agora — 2h.24 m.42s. — é inferior em quasi 11 m. ao do ano passado.

Para este bom resultado contribuiu, de certo modo, a combatividade de J. Rato, David Silva, Guilherme Jacinto, Tavares da Silva e «Faisco», os quais, com as suas tentativas de fuga, obrigaram os «ases» a valiosas perseguições.

Emotiva a fase final da tirada, quando Tádio se esquivou, por ser o primeiro a transpor as cancelas da passagem de nível do Vale de Santarém, que se encontravam fechadas. Ai, a média horária atingia por vezes os 40 quilómetros. Neste período da prova distinguiram-se Lourenço, a perseguir Tádio e a fugir de Lopes, que, com Guilherme Jacinto, tentava «recolar». Logo, porém, que esta junção se fez, houve quebra na cadência, que permitia o reagrupamento da maioria dos homens; mas chegados ao alto da rampa das Paideiras — o mais sério obstáculo da tirada — Lourenço colocou-se à frente e de lá não saiu sem transpor a meta, embora rudemente acossado por Jorge Pereira, que, numa dezena de metros, «saltou» Driss e Djillali, e até o próprio Eduardo Lopes, que renunciaria à luta logo que viu a impossibilidade de bater o sportingista.

A segunda tirada

Foi menos espectacular a segunda etapa, mas nem por isso deixou de ter mérito. Os corredores cobriram 68 quilómetros em 2 horas, concluindo a prova nam tempo que, apesar da distancia ser superior à de 1944, bateu o antigo «record» total por quasi sete minutos.

Houve sempre quem «mar-

casse» na frente um «passo» uniforme e relativamente rápido; a marcha atingia média elevada quando Lopes «furoa», antes do Cortaxo, e a «cadência» nos últimos quilómetros, apesar do percurso ser acidentado, não destoou do conjunto da tirada.

João Lourenço, voltando a triunfar na etapa de Lisboa, conquistou mais uma vitória para o seu conjunto de resultados. Jorge Pereira foi um esplêndido segundo, com duas tiradas absolutamente regulares, e os marroquinos Djillali e Driss, classificados em terceiro e quarto, fizeram provas de real valor.

Houve ainda comportamentos bastante meritórios — notável a prova de Manuel Espadinha! — que a falta de espaço não nos permite analisar por hoje. É trabalho que faremos no próximo número.

Por agora, concluímos dizendo que achamos injustificada, e até digna das mais ásperas censuras, a existência de Eduardo Lopes, — um homem com responsabilidades para com o público, para com o seu clube e para com os dirigentes.

A organização satisfaz e a iniciativa de escolher Santarém para final de uma tirada desta grande prova — ganha colectivamente, e com absoluto merecimento, pelo Sporting — poderá ser acolhida pelos desportistas da cidade escalabitana com um pouco mais de interesse. É também um assunto que desejamos abordar com maior amplitude.

Por equipas, a seguir aos «leões», classificaram-se Iluminante, Lisgás e Sangalhos.

GIL MOREIRA

O Circuito de Alenquer

Teve foros de grande acontecimento a corrida Alenquer-Caldas-Torres-Alenquer, disputada pelos mais cotados ciclistas da capital e pelo «duo» marroquino Driss-Djillali.

Lutou-se com brio: uns corredores a tentarem distanciar-se para se livrarem da companhia dos «sprinters», que levariam a melhor sobre o risco da chegada, outros a tornarem difícil a «recolagem» de adversários que se haviam atrasado, por avarias, ou ainda a tentarem recuperar o tempo perdido.

Dos primeiros, Djillali, Guilherme Jacinto e Jorge Pereira estiveram em plano de grande evidência. O marroquino, sobretudo, fez figura de vencedor até muito perto da meta, não con-

HOCKEY EM PATINS

(Continuação da página 2)

de 5-0, na noite seguinte, em Cascais, pode ficar ainda como confirmação de possibilidades — mas os visitantes do Montreux não mereciam tão dura punição: é que se registou mais equilíbrio e o jogo esteve mais «espalhado» pelos dois campos. Voltou a aparecer a lume a ineficácia dos dianteiros helvéticos — que tiveram em Zannazzo, jogador com 86 seleções, o seu mais perigoso rematador — talvez mais pronunciadamente do que na véspera; e o «team», resentindo-se das frequentes saídas de Gervaz, poucas vezes pôde conseguir ligação entre os sectores de trás e de diante.

Houve, já se disse, mais equilíbrio e mesmo maior interesse no aspecto geral do espectáculo: os suíços começaram belamente, só não tendo marcado por infelicidade, e pelo tempo adiante deram boa réplica; à beira do final — desde metade do segundo tempo — tiveram demonstrações de lances arduos com sabedoria... mas continuaram a falhar no remate!

A vitória dos seleccionados lisboenses, por tão larga margem, só foi possível pelo adiantamento da primeira parte (2-0): «goals» de Olivério e Bernardino, este de «penalty» e por mudança brusca no resultado ao princípio do segundo tempo — com três «goals» no brevíssimo espaço de um minuto. Olivério, as duas primeiras, e Jesus Correia, foram os autores das bolas; e, entretanto, os helvéticos, sempre correctos e discipli-

segundo os seus intentos de chegar isolado porque primeiro Eduardo Lopes, e depois Lourenço e o grosso do pelotão, vieram a alcançá-lo. Para isso foi necessário, porém, que o corredor da Iluminante fizesse gósinho perseguição valiosa e que Lourenço e Driss — companheiros na adversidade, pois «foraram» em mag sítio — tivessem de se empregar com grande vontade para anular um atraso que chegou a ser de 8 minutos.

João Lourenço, sabindo novamente de forma, e moralizado com as suas últimas vitórias, bateu na embalagem final am Eduardo Lopes algo fatigado por dura «caça», mas mais inferiorizado pela falta de moral sólido para suportar os revezes normais que surgem na velocidade.

Além dos corredores já citados, tiveram também comportamento meritório o belenense Manique, António Maria e Tavares da Silva, chegados com o tempo do vencedor.

Vitória do Sporting por equipas, seguido do Iluminante, do Lisgás e S. L. Alenquer. Organização cuidada e interesse lora do vulgar em toda a região percorrida pelos estradistas.

plinados, não se conformavam com a má sina, indo então em busca de melhor resultado que 0-5.

Se o não conseguiram — mereciam-no em absoluto — a culpa foi, inteirinha, dos «forwards»...

João Melo arbitrou com autoridade e conhecimento, impondo-se a jogadores e público.

Os dois primeiros jogos dos suíços com equipas de clube — aos dois últimos e ao do Pôrto referir-nos-emos no próximo número — foram bem mais interessantes no aspecto de luta pelo resultado, pois os visitantes jogaram já com mais empenho, tornando os encontros também equilibrados, sobretudo o de Sintra.

É certo que perderam ambos por 2-6, mas a verdade é que em qualquer deles têm atenuantes para derrotas tão pesadas: no Estádio Maier, a preocupação da defesa deu vantagens consideráveis aos adversários — o Futebol Benfica — que são mais rápidos e expeditos no remate na baliza; e no de Sintra, com o Hockey Clube local, a mesma preocupação e uma arbitragem descuidada mudaram o resultado (que era de 2-0, a favor dos suíços, ao intervalo) e deram feição oposta ao jogo.

É certo que tanto o F. Benfica como o Hockey de Sintra imprimiram velocidade a que os helvéticos parecem não estar habituados. E tanto os campeões de Lisboa como os sintrenses tiveram excelentes segundas partes

O desporto em Viana do Castelo

(Continuação da pág. 6)

por fazer de tudo um pouco, foi esmorecendo e terminou a sua actividade desportiva, o mesmo sucedendo ao Clube Fluvial Vianense, que chegou ainda a praticar remo.

Depois disto, é a Mocidade Portuguesa que mantém actividade excelente. A preparação desportiva da gente nova de Viana está-lhe confiada. É notável essa sua acção. Lá está Humberto Barros preparando os futuros remadores ao Náutico, pois que ao atingirem a idade necessária são incorporados nas tripulações do clube.

Miguel Lemos é o seu instructor de vela.

Resumidamente é este o aspecto que encontramos em Viana do Castelo quanto a actividade desportiva. Mas abandonámos a bela cidade minhota com a convicção de que o desporto vianense vai desde já entrar em fase de grande desenvolvimento. Entusiasmo e interesse topa-se a cada passo em Viana do Castelo.

Ano III — II Série — N.º 144
Lisboa, 5 de Setembro de 1945

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor:
Dr. GUILHERMINO DE MATOS
Propriedade da
Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.
Redacção e Administração
T. Cidadão João Gonçalves, 19, s.º
Telefone 51146 — LISBOA
Execução gráfica de
NEOGRAVURA, Lda. — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO CENSURA

Bouçós & Puig, Lda.

Fábrica de Serração de Madeiras

Cossourado (S. Bento da Porta Aberta)
Paredes de Coura-VIANA DO CASTELO

ESTUDOS PROJECTOS CONSTRUÇÕES

Faria & Delgado, Lda.

Rua José Espregueira, 155
Telefone 205
VIANA DO CASTELO

TELE (gramas-DORIS
(fone, 16

Apartado, 2

Emprêsa de Pesca de Viana

SOCIEDADE ANÓNIMA DE
RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL:

Sete mil e quinhentos contos

Viana do Castelo
(PORTUGAL)

Lugres-motores:

Rio Lima
Sta. Maria Manuela

Navios-motores:

São Ruy
Sta. Maria Madalena

CELESTINO DE MIGUEL

Fábrica de bóinas

R. José Espregueira
Telefone 205

VIANA DO CASTELO

VIÚVA DE JUAN B. DOMENECH, LIMITADA

SERRAÇÕES MECÂNICAS
(Sede em Barcelos)

Tele (fone 8.349
(gramas «Domenech»

SUCURSAIS EM:

Viana do Castelo,
Barrocelas, Midões,
S. Pedro da Torre
e Lapela.

Exportação de madeiras
de tôdas as espécies

Casa especializada
em caixas para embalagens

Telefone 52
VIANA DO CASTELO

A Instaladora, Lda.

Electricidade

Instalações eléctricas de qualquer
natureza em Alta e Baixa tensão
Receptores de T. S. F.

Artigos Sanitários

Banheiras, Autoclismos, etc.

COMISSÕES

Depositários, no Distrito, das Fábricas
CARVALHINHO, SACAVERM e OEIRAS

Aquecimento central — Refrigeração — Ventilação

Sede, Escritório e Armazém: Rua da Bandeira, n.º 122 a 128

Loja de vendas: Rua Sacadura Cabral, n.º 71 — Telefone, 126

Materiais de Construção

Fibrocimento, «Luselite», Tubagens
em ferro e chumbo e borracha

e respectivos acessórios
Torneiras, Válvulas, etc.

REPRESENTAÇÕES

VIANA DO CASTELO



Viúva de Abel B. Lopes

Viana do Castelo Portugal

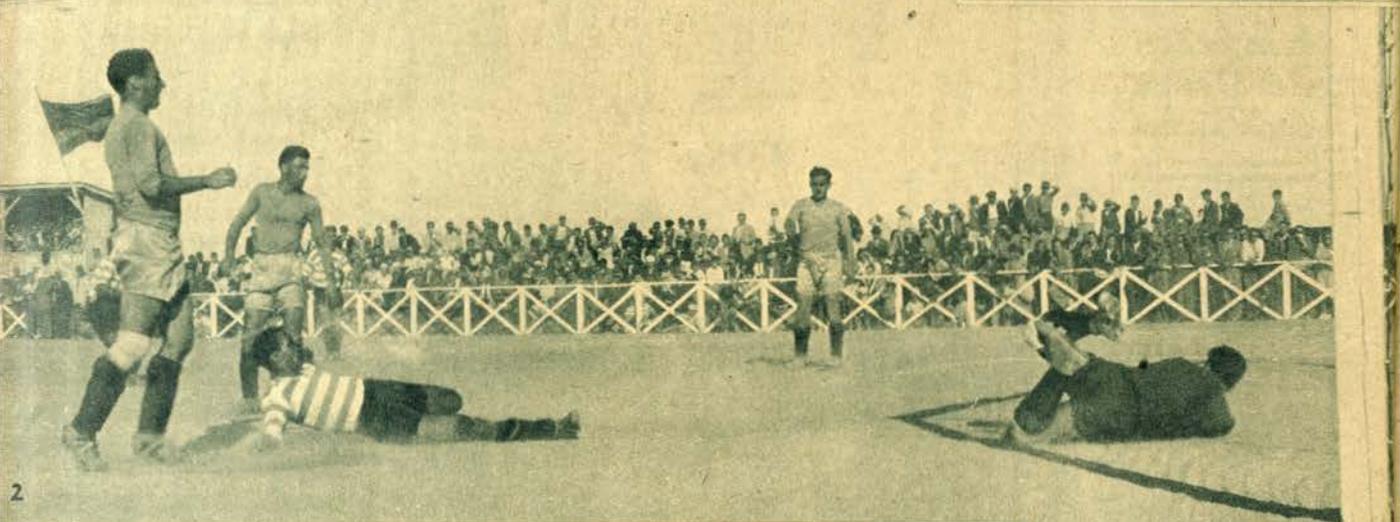
CASA DE FATOS À VIANESA

BORDADOS REGIONAIS

Bordados em lãs — Almoçadas com
figuras e bordados — Fatos à via-
nesa de tôdas as qualidades e ta-
manhos — Caixas — Alburns — Car-
teiras — Port-moedas — Bordados
em linho — Toalhas — Penos — Na-
porons — Chemins — Sacas de
prata, campo e trabalho — Com-
pleto sortido de bonecas regionais

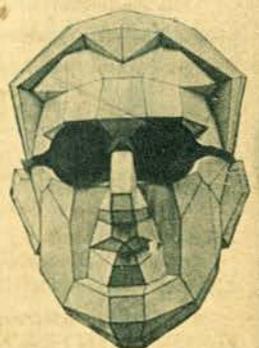
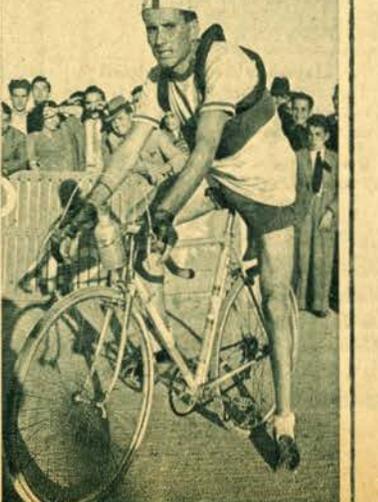
JÁ HOUE FUTEBOL!

Abrindo o programa das festas comemorativas do 25.º aniversário, o Fósforo teve no seu campo dois jogos de futebol, que serviram também para ematar saudades ao público afeccionado da capital. Jogaram o Sporting e o Estoril Praia, do qual publicamos duas fases (gravuras 1 e 2) e o Fósforos e o Chelas, de que damos também um lance (gravura 3)



IMAGENS DA PROVA "LISBOA-SATAREM-LISBOA"

Em baixo, à esquerda: J. Lourenço, J. Pereira, Djillali e Driss, que se classificaram nos 1.ºs lugares, por esta ordem. À direita: Manuel Espadinha um amador que acompanhou sempre os «ases», fazendo uma prova magnífica



GIL OCULISTA

FUNDADA EM 1865
 Depositária das lentes "ZEISS"
 Binóculos, Termómetros
 Bússolas de marcha, etc.
 Aparelhos de Precisão
 138, RUA DA PRATA, 140
 Telefone 22629 LISBOA